

**JOÃO CARLOS CORREIA, ANTÓNIO FIDALGO, PAULO SERRA (ORGS.)**

**INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO ONLINE  
VOLUME III**

# **MUNDO ONLINE DA VIDA E CIDADANIA**

**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
COVILHÃ - PORTUGAL**



# Índice

<b>I Novos Media e Cidadania</b>	<b>1</b>
<b>Apresentação</b>	
<i>por</i> João Carlos Correia	<b>3</b>
<b><i>Media, mass media, novos media</i> e a crise da cidadania</b>	
<i>por</i> Alexandre Sá	<b>5</b>
<b>Psicologia da imagem: um retrato do discurso persuasivo na Internet</b>	
<i>por</i> Ivone Ferreira	<b>21</b>
<b>A ideologia dos novos <i>media</i>: entre velhas e novas ambivalências</b>	
<i>por</i> Gil Ferreira	<b>31</b>
<b>Texto inteligente e qualidade (quase) zero</b>	
<i>por</i> João Canavilhas	<b>41</b>
<b>Novo jornalismo: CMC e esfera pública</b>	
<i>por</i> João Carlos Correia	<b>51</b>
<b>Notas sobre a mais velha arte do mundo</b>	
<i>por</i> Jorge Bacelar	<b>81</b>
<b>Novos <i>media</i>, velhas questões</b>	
<i>por</i> Maria João Silveirinha	<b>95</b>
<b>Mediaticamente ‘Homem Público’: sobre a dimensão electrónica dos espaços públicos</b>	
<i>por</i> Susana Nascimento	<b>117</b>

<b>II O Mundo Online da Vida</b>	<b>143</b>
<b>Apresentação</b>	
<i>por António Fidalgo e Paulo Serra</i>	<b>145</b>
<b>Nova corte na aldeia</b>	
<i>por António Fidalgo</i>	<b>149</b>
<b>O teletrabalho - conceito e implicações</b>	
<i>por Joaquim Paulo Serra</i>	<b>163</b>
<b>O modo de informação de Mark Poster</b>	
<i>por António Fidalgo</i>	<b>189</b>
<b>O mundo como base de dados</b>	
<i>por Luís Nogueira</i>	<b>207</b>
<b>Os novos meios de comunicação e o ideal de uma comunidade científica universal</b>	
<i>por António Fidalgo</i>	<b>217</b>
<b>A vertigem. Da ausência como lugar do corpo</b>	
<i>por Catarina Moura</i>	<b>229</b>
<b>Percepção e experiência na Internet</b>	
<i>por António Fidalgo</i>	<b>243</b>
<b>E-publishing ou o saber publicar na Internet</b>	
<i>por António Fidalgo</i>	<b>255</b>

# Capítulo I

## Novos Media e Cidadania



# Apresentação

João Carlos Correia  
Universidade da Beira Interior.  
E-mail: jcorreia@alpha2.ubi.pt

No capítulo “Novos *Media* e Cidadania” surgem múltiplas referências à ambiguidade dos projectos que se cruzam em torno da Internet e das novas tecnologias. Simbolicamente, este conjunto de textos é delimitado por um ensaio de Jorge Bacelar (“Notas sobre a mais velha arte do mundo”) que enfatiza a rugosidade mediática dos mais velhos *media* da humanidade, aqueles centrados em imagens que estruturam a formação da identidade de um modo fragmentado e anárquico, o *graffiti*. É, pois de entre a poesia visceral do *graffiti* (Protesto? Murmúrio? Inquietação? Grito?) que emergem as possibilidades dos novos “conteúdos”, os produtos estandardizados por uma nova indústria de tecnologia vincada pela presença de um sem número de neologismos que são produto de uma oscilação entre um novo-riquismo fascinado pelo *gadget* e um genuíno desejo de uma utopia que, todavia, permanece sob suspeita: sob observação.

É na interpelação destas possibilidades que se inscrevem a maioria dos textos que compõem esta secção: o classicismo elegante de Alexandre Sá (“*Media, mass media, novos media e a crise da cidadania*”) e de Gil Ferreira (“A ideologia dos novos *media*: entre velhas e novas ambivalências”) recenseia as esperanças e os desejos de sucessivas gerações de *media* recorrentemente acusadas de contribuírem para a crise da vida cívica, demonstrando como novas esperanças surgem para uma melhor democracia e um melhor agenciamento político. Num outro registo (“Novo jornalismo, comunicação mediada por computador e esfera pública”), João Carlos Correia interpela já os novos *media* e os seus excessos, ou seja os fechamentos que eles já introduzem em volta de uma ideia de democracia e de comunidade: a obsessão por uma imagem fugaz que pode cegar a razão no seu empreendimento crítico e dialógico, a velocidade que consome os espaços de mediação, o excesso de proximidade que consome a distância onde essa intervenção mediadora

se haveria de realizar. Sobra a esperança de poderem surgir formas de jornalismo em torno de uma ideia de comunidade noticiosa onde se há-de recuperar (provavelmente) o espaço dessa distância de um modo que implique a reconstrução crítica de instâncias mediadoras, que terão de seguir determinadas condições para que não caiam rapidamente na voragem abissal de uma cacofonia diferencial: a comunidade que só acredita no seu dialecto específico.

Apesar de tudo estes textos não tratam de encerrar os novos *media* numa nova oscilação entre o desastre e a esperança. Trata-se de ver como eles moldam cada um deste pólos com a sua diferença: o jornalismo é desafiado radicalmente (em “Novo jornalismo, comunicação mediada por computador” por João Carlos Correia e em “Texto inteligente e qualidade (quase) zero” por João Canavilhas) pela intervenção de uma nova escrita onde o hipertexto e o hipermedia confrontam os limites do texto tradicional convocando a multiplicidade para o espaço onde antes existia apenas a linearidade. Qual será a qualidade destes novos textos e que novas regras permitirão falar dessa qualidade? – interroga-se João Canavilhas. Por último é a necessidade de uma nova retórica, agora reformulando-se num contexto de um auditório que se não conhece e que se espelha reticularmente: “Psicologia da imagem: um retrato do discurso persuasivo na Internet” de Ivone Ferreira.

Finalmente, é a erupção das políticas da vida: um novo mundo on-line da vida que se anuncia pelas novas formas de construir comunidades e gerir identidades (Susana Nascimento em “Mediaticamente homem público”, Maria João Silveirinha em “Novos *media*, velhas questões”), desafiando a cidadania pela instável erupção de realidades que surgem como um novo desafio catalizado de forma mais veemente por esta linguagem dos novos *media*: novas formas de encontro e de relação, novos modos de viver a subjectividade que são trazidos ao espaço público, numa aparente erosão das fronteiras tradicionais de distinção entre público e privado.



# ***Media, mass media, novos media e a crise da cidadania***

Alexandre Sá

Instituto Filosófico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

E-mail: alexandre\_sa@sapo.pt

## **Introdução**

A tarefa de relacionar o tema da cidadania com a questão dos *media* tem hoje inevitavelmente como pano de fundo uma reflexão sobre a educação ou, mais genericamente, a formação para a cidadania. Tal reflexão resulta, antes de mais, da consciência de que a vivência e prática da cidadania, nas nossas democracias ocidentais, está hoje ferida por uma crise profunda. Esta crise manifesta-se em múltiplos fenómenos característicos da nossa vida cívica, penetrando nela a tal ponto que a enumeração de alguns exemplos, embora inevitável para a sua ilustração, corre o risco de aparecer como supérflua e banal. Como exemplo privilegiado desta crise, poder-se-ia mencionar a dissolução dos vínculos sociais e familiares no anonimato das grandes metrópoles cosmopolitas, na linha do que uma “crítica da civilização” do início do século XX, alicerçada sobretudo no *Declínio do Ocidente* de Oswald Spengler, já tinha denunciado. Ou o desinteresse por uma “vida pública”, o exclusivo investimento na vida privada, a que tal anonimato conduz. Ou a abstenção eleitoral como acontecimento decisivo para o funcionamento dos sistemas políticos nas democracias ocidentais, propiciando a concentração de votos em poucos partidos e a consequente consolidação de oligarquias partidárias. Ou o desaparecimento crescente da autoridade dos Estados e de qualquer tipo de vigilância diante da emergência de um mercado dominado por poderosas empresas multinacionais. Ou a marginalidade e o desenraizamento crescentes, resultantes dos fenómenos migratórios maciços decorrentes da situação pós-colonial. Ou ainda o desaparecimento daquilo a que, nos Estados Unidos da América, Michael

Sandel chamou uma “filosofia pública”<sup>1</sup>, através da emergência de uma sociedade multicultural, dispersa por formas comunitárias de vida fechadas sobre si mesmas, que não encontra laços unificadores senão no funcionamento burocrático e procedimental de um Estado desvinculado, neutro e demissionário relativamente à decisão sobre questões polémicas e morais.

Abordar a questão dos *media* no contexto desta crise da cidadania é, antes de mais, perguntar de que modo podem os *media* intervir neste horizonte político. E esta pergunta é tanto mais pertinente quanto mais se reparar que são em larga medida os *media* – os *media* a que poderíamos já chamar “tradicionais” e, dentro destes, sobretudo a televisão – a serem eleitos como os principais responsáveis, ou pelo menos uns dos principais responsáveis, da situação vigente. O mundo político ocidental tal como o vivemos hoje, e a vivência da cidadania com que ele se articula, é um mundo configurado pelos *media*. E a consciência desta configuração exige perguntar se os *media* são apenas meros *media*, meros instrumentos, meros “meios” ao serviço de um qualquer fim ou destino político, ou se, pelo contrário, a sua essência não é simplesmente instrumental, surgindo já como a execução de um fim e de um destino específicos. Será a televisão, como já antes fora para muitos a rádio, o meio pelo qual se instala um poder total e invisível, assim como a crise da cidadania que abre as portas dessa instalação? Será que Horkheimer e Adorno tinham razão quando escreveram, apenas dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, que “os próprios nacional-socialistas sabiam que a rádio concedia uma figura à sua causa, como a imprensa escrita à reforma”?<sup>2</sup> Ou será que os *media* são apenas instrumentos, certamente perigosos, mas regeneráveis e utilizáveis na construção de uma nova cidadania mais participativa, capaz de superar a crise que actualmente a caracteriza? Ou será que, por exemplo, como acreditava Karl Popper, é possível, através de medidas conjunturais de autoregulação, convencer as pessoas que fazem televisão de que

---

<sup>1</sup>Cf. Michael Sandel, *Democracy's Discontent. America in search of a public Philosophy*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996.

<sup>2</sup>Max Horkheimer, Theodor Adorno, *Dialektik der Aufklärung*, in Theodor Adorno, *Gesammelte Schriften*, vol. 3, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998, p. 182.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

